

**A RELAÇÃO ENTRE OS PRINCÍPIOS DAS ORDENS DA AJUDA E OS
FUNDAMENTOS DA RELAÇÃO DE INTERAGÊNCIA.**

**THE RELATIONSHIP BETWEEN THE PRINCIPLES OF ORDERS OF HELP AND
THE FUNDAMENTALS OF THE INTERAGENCY RELATIONSHIP.**

Nathalia Teston Vieira**

Patricia Kozuchovski Daré*

Resumo: A ajuda é ferramenta fundamental no desenvolvimento humano, não se pode negar sua importância. A ajuda vai além de qualquer rótulo, característica ou situação econômica, todo indivíduo necessita de ajuda. O presente artigo aborda o tema “ajuda”, trazendo perspectivas acerca da ajuda profissional, a qual requer, além de sensibilidade, o conhecimento. A proposta desta revisão bibliográfica foi buscar possíveis aproximações entre a relação de interagência, da naturologia, e os princípios das Ordens da Ajuda, das constelações familiares. Hellinger é a grande referência no assunto, uma vez que foi a partir de seus estudos, observações e vivências de campo, que ele desenvolveu as chamadas “Ordens da Ajuda”, leis que guiam os profissionais que trabalham ajudando no desenvolvimento pessoal, a deter uma postura que esteja a serviço de uma “boa ajuda”, ou seja, uma ajuda que fortaleça a autonomia e a capacidade individual de quem os procuram. Para tanto, nesta pesquisa utilizou-se uma metodologia pautada na revisão bibliográfica exploratória e descritiva, os achados foram dialogados entre si, a fim de extrair as maiores correlações.

Palavras Chaves: Relação de interagência. Naturologia. Ajuda. Ordens da ajuda. Bert Hellinger.

Abstract: Help is a fundamental tool in human development, its importance cannot be denied. Help goes beyond any labeling, characteristic or economic situation, every individual needs help. This article addresses the theme "help", bringing perspectives about professional help, which requires knowledge, in addition to sensitivity. The purpose of this literature review was to seek possible approximations between the interagency relationship, of naturology, and the principles of the Orders of Help, which is part of the *Familienstellen*. Hellinger is the great reference on the subject, since it was from his studies, observations and field experiences that he developed the so-called "Orders of Help", laws that guide the professionals who work helping in personal development to hold a posture that is at the service of "good help". In other words, help that strengthens the autonomy and individual capacity of those who seek them. Therefore, this research used a methodology based on exploratory and descriptive literature review, the findings were discussed with each other, in order to extract the main correlations.

Keywords: Interagency relationship. Naturology. Help. Help of orders. Bert Hellinger.

INTRODUÇÃO

A Naturologia é a ciência que emergiu a partir da necessidade de um novo modelo médico vigente, decorrente da crise dos paradigmas vivenciados pelo mundo contemporâneo. Estas crises vividas pela área da saúde desde o século XX, são denominadas por Luz¹⁸ de *Crise da Saúde e Crise da Medicina*, gerando o aumento da busca por tratamentos alternativos. Segundo Silva³¹, esta ciência é uma nova abordagem na área da saúde, pois dispõe de recursos transdisciplinares como instrumento à atenção em saúde, bem como as práticas integrativas e complementares, caracterizando-se pela pluralidade de saberes. Um dos principais destaques da Naturologia no modelo de atuação na área da saúde é, seu olhar multidimensional, ao qual considera todas as particularidades do indivíduo de forma integral, levando em consideração questões físicas, mentais, emocionais e energéticas, possuindo entendimento do vínculo entre estes aspectos. A partir desta forma de abordagem, o naturólogo considera inclusive, os “diversos fatores que influenciam a saúde e a vida do indivíduo”, bem como os “aspectos relacionais, sociais e culturais que fazem deste indivíduo um sujeito coletivo” (p. 79)³³.

Segundo Antonio¹, os princípios centrais da relação de interagência, termo utilizado pelos profissionais naturólogos, fundam-se, para além da conduta ética, em cinco conceitos primordiais: presença, empatia, integralidade, autonomia e corresponsabilidade. Para Pinto²⁴ (p. 59), a interagência “não é algo a ser alcançado, mas a própria condição da naturologia”, sendo forma inerente à profissão, o que lhe confere valor essencialmente único. Em princípio, a relação de interagência tem como objetivo preservar e estimular a autonomia dos indivíduos, e desta forma, fornecer a ajuda que fortalece e incentiva o desenvolvimento e crescimento do ser humano^{7,31}. Perspectiva também encontrada nas Ordens da Ajuda de Bert Hellinger, em um método terapêutico breve, fenomenológico e empírico, ao qual integra saberes de diversas abordagens científicas como a Gestalt, terapia primal, psicanálise, terapia familiar, análise transacional e outras, que fazem da Constelação Familiar “uma propriedade emergente de um sistema de teorias e práticas” (p.46)^{5, 19}.

A Constelação Familiar tem recebido considerável atenção no Brasil, não só em contextos terapêuticos privados, como na rede pública de saúde, pois é uma das Práticas Integrativas Complementares (PIC) reconhecida pela Organização

Mundial da Saúde (OMS) e aceita pelo Sistema Básico de Saúde (SUS) desde 21 de março de 2018, por meio da Portaria N° 702, De 21 De Março De 2018. Esta terapia resume-se em acessar informações do inconsciente familiar que possam estar ligadas a dificuldades, padrões comportamentais e situações que geram sofrimento em qualquer âmbito da vida de um indivíduo, e ajudá-lo a perceber e deter uma mudança de postura em relação a tais desequilíbrios relacionais¹².

Considerando que “o ser humano depende, sobremaneira, da ajuda do outro para se desenvolver e ao mesmo tempo precisa ajudar o outro” (p. 63)², Hellinger desenvolveu as Ordens da Ajuda, um postulado de Leis sistêmicas que auxiliam os profissionais que se sentem impelidos a ajudar com “sensibilidade para compreender aquele que procura ajuda”. Em sua obra “Ordens da Ajuda”, o autor expõe suas ideias a respeito do ato de ajudar, fica claro que, para ele, a ajuda é uma arte “e como toda arte, faz parte dela uma faculdade que pode ser aprendida e praticada” (p. 11)¹³. Segundo Hellinger¹³ (p.79) a ajuda profissional permite “ajudar alguém a se desenvolver e crescer”, sendo de suma importância o reconhecimento da ajuda adequada, pois desta forma, o profissional estará em sintonia com o outro, podendo perceber o momento de se recolher deste trabalho e permitir que o outro cresça por si só^{16,25}.

Para tanto, o objetivo desta pesquisa é conhecer as aproximações entre os princípios das ordens da ajuda e os fundamentos da relação de interagência.

PERCURSO METODOLOGICO

Trata-se de uma revisão bibliográfica de natureza narrativa que possibilitou a síntese de conhecimentos e a identificação das aproximações entre os assuntos propostos a partir de pontos de vistas teóricos e contextuais.

A realização desta pesquisa ocorreu no período de janeiro de 2022 a junho de 2022, buscou em literaturas as possíveis aproximações entre os princípios das ordens da ajuda e os fundamentos da relação de interagência. As fontes utilizadas foram livros indicados por profissionais da área das constelações familiares, literaturas utilizadas na Hellinger Schule dos principais autores que falam sobre constelação familiar, artigos, monografias de conclusão de curso de bacharelado e de pós-graduação da área da Naturologia, como manuscritos apresentados em fóruns e congressos. Os materiais foram selecionados da Revista Caderno de Naturologia e

Cadernos Complementares e nos Anais dos Congressos Brasileiro de Naturologia (CONBRANATU), as fontes usadas foram publicadas entre 2012 e 2017.

FENOMENOLOGIA E A 5ª ORDEM DA AJUDA

A constelação familiar é fruto do ramo da psicologia fenomenológica existencial que teve contribuições consideráveis de diversos filósofos e profissionais no nível de Husserl, Spinoza, Sartre, Kierkegaard, Heidegger, Jung, Maslow, entre outros. Para Tatossian³² (p.36), “a fenomenologia não pretende explicar, mas clarificar”, ou seja, a fenomenologia parte de uma percepção sem pressuposições, onde se capta a essência do que se mostra^{35,21,3}. As constelações familiares utilizam a visão fenomenológica para observar o campo de informação sem intenções ou temores, e sem a necessidade de interpretações pessoais. Portanto, é inevitável trazer a visão fenomenológica que envolve tal prática terapêutica e que também pode ser observada na relação de interagência⁴.

Na perspectiva naturológica, Pinto²⁴ e Antonio¹ dizem que existe aspectos da fenomenologia que se aproximam da relação de interagência, para eles isso coloca o profissional naturologo em uma postura neutra quanto a possíveis julgamentos em relação aos seus interagentes. Pinto²⁴ (p. 55) aponta que a postura fenomenológica “consiste em suspender toda atitude predicativa, toda atitude que coloca uma realidade dada independente de nossos motivos ou ações”. Esta visão é descrita por Hellinger em suas obras como a “postura básica” de um profissional da ajuda, para ele, o passo fundamental para se adquirir tal postura é a renúncia. A renúncia do desejo de ajudar^{13,16}. Hellinger acredita que o desejo de que alguém melhore ou mude torna qualquer indivíduo dependente da relação terapêutica e, por consequência, do terapeuta. Contudo, a solução para este desejo não é a falta de amor ou compaixão, mas um amor sereno que “deixa algo ser como é”, o autor explica:

Se tenho esse amor sereno e me dirijo a ele (o cliente) com esse amor, sem o desejo de que ele fosse diferente ou tivesse sido diferente, ele fica, de repente, livre. Sou livre como ajudante e ele também é livre. Dentro dessa liberdade, pode-se desenvolver um movimento que leva adiante. Então, nem ele nem o ajudante têm resistências. (HELLINGER, 2005, p. 66)

Pensamentos de Hellinger e Pinto²⁴ assemelham-se no que diz respeito a aceitar algo da forma como é, Pinto²⁴ (p.56) acredita que a postura fenomenológica se refere a “fazer e deixar com que o mundo se mostre como tal, sem colocar nele

condições prévias. O objeto agora é apreendido não em sua efetividade, mas em sua possibilidade”. Ao se referir a naturologia e a interagência como meio fenomenológico, Pinto²⁴ (p.59) esclarece que a essência em si está em acolher o que se estabelece na interagência, sem predeterminações, e conclui que somente assim é possível a abertura de “margem para intervenções”. Rogers²⁷ comenta em sua obra “Tornar-se Pessoa”, que a compreensão sem julgamento é terreno fértil para um possível crescimento pessoal: “quando alguém compreende como sinto e como sou, sem querer me analisar ou julgar, então, nesse clima, posso desabrochar e crescer” (p.76)²⁷. Pinto²⁴ (p.58) descreve em seu artigo, que se tratando da fenomenologia, o que fica em evidência é “aquilo que se mostra como um modo possível”, para isto, o julgamento de positivo ou negativo deve, portanto, não se fazer presente, o que permite que o ajudante compreenda nos processos, as possibilidades.

Assim como Hellinger, Ruppert²⁹ pensa que, embora não seja uma postura fácil de ser executada e que exige constante auto-observação por parte do ajudante, é importante para um terapeuta que ele deixe, acima de tudo, que o outro seja como é, ou seja, aceitar a maneira como as pessoas vivem e não pressioná-las a mudança, mas estar presente no processo terapêutico de forma paciente e sem intenções.

Ruppert²⁹ (p.189, tradução nossa) acredita que uma boa postura requer que o facilitador mantenha o processo de desenvolvimento “mais livre possível de influências externas, e isso inclui qualquer interpretação precipitada por parte do terapeuta”. Percepção que nos leva à 5ª Ordem da Ajuda, descrita por Hellinger¹³ (p. 14) da seguinte forma: “A quinta ordem da ajuda é, portanto, o amor a cada um como ele é, por mais que ele seja diferente de mim”, estar livre de julgamentos e intenções é o que permite o amadurecimento e fortalecimento de quem procura ajuda, Hellinger¹³ (p.66): “dentro dessa liberdade, pode-se desenvolver um movimento que leva adiante”. Em seu livro “Ordens da Ajuda” Hellinger comenta sobre o que implica a desordem desta lei: “a desordem da ajuda seria aqui o julgamento sobre outros, que geralmente é uma condenação, e a indignação moral ligada a isso. Quem realmente ajuda, não julga.”^{13, 28, 4.}

A diversidade que o sujeito isolado carrega em si, não tornaria a moralidade intrínseca à discussões? Segundo Debetio et al⁵ este é um dos aspectos que mais trazem problemas em questões éticas dentro da postura naturológica. O autor diz que as crenças pessoais dos naturológicos são um fator de grande influência na postura e

conduta profissional, tais crenças envolvem, em especial, questões religiosas e espirituais, as quais acabam tendo grande valor nas decisões do objetivo e processo terapêutico. Silva³¹ (p.124) deixa claro que é também parte do profissional naturólogo, a arte de “uma atitude ética de respeito e tolerância com o outro”, uma vez que este profissional atua no fortalecimento da capacidade individual.

Ruppert²⁸ (p.190) destaca seu pensamento sobre as dificuldades de se manter, quanto terapeuta, em uma postura fenomenológica, principalmente, quando em determinado momento presume-se saber quais são as causas dos sofrimentos de quem procura ajuda e, além disso, quais caminhos levariam a uma possível solução. O autor conclui seu pensamento com a seguinte frase: “uma capacidade que precisa ser aprendida, treinada e interiorizada no terapeuta e no aconselhador é a de conter-se”, visão que se assemelha a de Hellinger (p.14)¹³ na 5ª Ordem da Ajuda, onde o autor afirma que para respeitar tal ordem é necessário que a percepção do ajudante esteja tanto “direcionada” quanto “reservada”, o autor diz que “essa percepção surge do centramento interno”. Para concluir, trago uma citação de Passos et al²³ (p.1), que dialoga com pensamentos de Ruppert e Hellinger:

“[...] o naturólogo deverá, momentaneamente, “deixar-se de lado” para poder assimilar a experiência do outro, despindo-se da noção de que poderá entender e resolver o problema do interagente a partir de suas representações pessoais”.

EMPATIA E AS 3ª E 4ª ORDENS DA AJUDA

Um dos princípios centrais da relação de interagência, descritos por Antonio¹, é a empatia, além disso a autora completa tal princípio com outros dois termos: “interesse e não julgamento”. O interesse em conhecer quem busca ajuda e ajudá-la, requer que o profissional se coloque em uma postura despretensiosa, uma vez que para adquirir tais qualidade é necessário que não se faça juízo de valor. Hellinger¹³, em Ordens da Ajuda (p.15), contribui com esse pensamento com a seguinte frase encontrada na 5ª Ordem da Ajuda: “em sintonia, eu me despeço de minhas próprias intenções, meu julgamento, meu superego e daquilo que ele (o cliente) quer”. Rogers e Rosenberg²⁶ (p. 82) dizem que “a expressão mais alta da empatia consiste em aceitar e não julgar”.

Segundo Antonio¹ (p. 85), “para haver um interesse sadio é extremamente importante que a naturóloga procure não fazer julgamentos em relação a interagente”, para tanto, considerando que tal qualidade de não julgamento é algo desafiador, é importante que o profissional “manifeste um estado de presença quando identificar que se deixou levar por julgamentos” e conclui: “julgar bloqueia a compreensão”. Rogers e Rosenberg²⁶ (p.78) acreditam que, embora a complexidade de assumir este posicionamento, “quanto mais equilibrado internamente seja o terapeuta, maior o grau de empatia que ele demonstra”. Ruppert²⁸ (p.189) afirma que o passo inicial de qualquer ajuda requer unicamente “que se ouça com empatia”, entretanto, Hellinger¹³ (p.23) chama atenção nas 3ª e 4ª Ordens da Ajuda, que o grande perigo da relação empática está em compreender a empatia de ajudante como a empatia paternalista, ou seja, a empatia de pais para filhos, uma vez que, para ele “a empatia se orienta originariamente segundo o modelo de pais e filhos”. Para o autor, o arquétipo da ajuda é baseado na relação entre pais e filhos, onde as expectativas dos filhos são prontamente correspondidas, até certa idade, de forma completamente natural e saudável. Para tanto, se esta for a empatia tida pelo ajudante, a relação terapêutica estará fada à transferência e contratransferência, ponto de extremo perigo dentro das relações de ajuda.

Freud mencionou o termo “transferência” pela primeira vez em 1895, ele e pós-freudianos estudaram e descreveram várias modalidades de transferência. De modo geral, a transferência e contratransferência, atos inconscientes bastante úteis na psicanálise, consiste em depositar no outro, afetos e desafetos do passado, é uma forma de reviver relações no presente momento independente da realidade. Maurano²⁰ comenta que é uma característica deste ato, que o cliente deposite o afeto por uma pessoa importante em sua vida no ajudante, que por sua vez, irá tomar papel de intérprete da relação do cliente. A autora cita em sua obra “A Transferência” (p.13)²⁰, que a partir deste ato “a designação de médico (psicanalista) perde o sentido, para ser substituída pela de analista. Trata-se na transferência de uma presença do passado, mas que é uma presença em ato”. Para Freud, citado por Minerbo²² (p.46), o problema não é a transferência e a contratransferência em si, “mas a possibilidade de não reconhecê-la, o que daria livre curso a seus efeitos inconscientes”, Maurano²⁰ (p.27) acredita que o problema existe quando o ajudante “dá importância aos afetos suscitados nele por seus pacientes” e que com isso sua função fica completamente

prejudicada. Hellinger pensa que este ato não só cria dependências de ambos os lados, como enfraquece a relação e os indivíduos relacionados^{17,10, 13}.

Comentado [NTV11]: transferência e contra

Hellinger¹³ afirma na 3ª Ordem da Ajuda (p. 12), que “muitos que procuram ajuda esperam que os ajudantes se dediquem a eles como pais em relação a seus filhos e esperam receber deles, mais tarde, o que ainda esperam ou exigem de seus próprios pais”, em contrapartida, é comum que profissionais pensem que precisam ajudar aqueles que recorrem a eles, como pais fazem por seus filhos. O próprio desejo de querer ajudar, como visto anteriormente, já é por si um movimento que enfraquece e desequilibra a relação. Hellinger¹⁶ (p.110) comenta que a ajuda não soa positiva quando esta empatia tem o desejo, inconsciente ou não, de suavizar as responsabilidades do cliente, o desequilíbrio da ajuda começa “quando o ajudante trata o cliente como criança, para poupá-lo de algo que ele mesmo precisa e deve carregar – a responsabilidade e as consequências”. Schneider³⁰ (p.83) concorda com a visão das constelações familiares e diz que o ajudante só pode ajudar se não se esquivar de confrontar o cliente com a realidade de sua vida e sua própria responsabilidade.”

Quando, na psicoterapia usual, alguém vai a um terapeuta e se apresenta como uma pessoa que está necessitando de ajuda, o que acontece nesse momento? Surge uma transferência da criança para com os pais e surge uma contratransferência do terapeuta para o cliente, como de um pai ou mãe para com uma criança. (p. 21)¹³

O autor deixa claro que o fracasso dessa relação ocorre, pois, este modelo de ajuda baseado na transferência e contratransferência, impede que o cliente tenha um desenvolvimento pessoal adequado, uma vez que fica na espera de que algo lhe seja retribuído ou dado, já que por muito tempo fomos ensinados a assumir uma postura passiva no processo terapêutico, entretanto, na relação de interagência um ponto claro trazido por Silva³¹ (p. 127) é que tal relação “exige uma responsabilidade de ambas as partes envolvidas no processo”.

Franke⁹, assim como outros autores da linha sistêmica, acredita que existe sim a possibilidade de se fazer bom uso da transferência e contratransferência, sem se deixar levar por elas, demonstrando maturidade e responsabilidade profissional. Hellinger afirma que uma prática para cultivar a boa empatia é deter uma postura sistêmica, onde o ajudante não olha apenas para a pessoa que lhe procurou, mas

também para sua família e origem, para ele a boa empatia é ampla e sistêmica, e acima tudo, livre de julgamentos. Hellinger e Ten Hovel¹¹ (p.31) falam sobre algumas “leis fenomenológicas” imprescindíveis na relação de ajuda, são elas: amar as pessoas cuja verdade se quer conhecer; aceitar estas pessoas seja qual for seu destino, sua família e seus problemas; manter certo distanciamento para que se possa ver sem pessoalidade; não ter nenhuma intenção de ajudar; e não temer o que possa surgir. Ruppert²⁸ (p. 211) acredita que esta postura tem grande potencial de “acompanhar pessoas para fora de seus medos infantis, de suas dependências e de seus enredamentos”. Além disso, a relação entre ajudante e ajudado deve seguir a premissa de que ambos são iguais, sem haver posição de superioridade na relação. Silva³¹ (p. 125) contribui com este pensamento quando fala que “escutar o outro é um exercício na tentativa de superação de estranhezas e superioridade que estão em nós arraigados” e cita:

O naturólogo não deve se portar como um tutor no processo terapêutico porque tal atitude verticaliza a relação, deixa transparecer que o profissional da saúde, no caso, o naturólogo, seria o detentor de um conhecimento e poder superior em relação ao interagente. (p. 120)³¹

Para Hellinger¹³, “é neste nível que o essencial acontece”, pois o ajudante se vê igual ao ajudado, entretanto, também por esta razão a despedida da transferência e contratransferência é tão desafiadora, ele¹³ (p.106) fala que se desfazer da transferência e contratransferência só é possível para quem está disposto e consciente a “agir de igual para igual”. Quando o ajudante consegue trabalhar em si este olhar, o de que todos são seres humanos do mesmo tipo, com histórias diferentes, mas sendo todos iguais em certo nível, então a ajuda é possível pois ele passa a não tomar partido entre “vítimas” e “agressores”, pensamento que se aproxima da visão de Silva³¹ (p. 126) que diz: “somos seres inacabados e precisamos nos assumir enquanto tais”. Hellinger¹⁵ (p.34) diz: “a verdadeira moralidade é modesta e humana”.

Se sinto empatia, posso crescer. No final, posso dizer a qualquer pessoa, seja como ela for: “Eu reconheço que você é, perante algo maior, igual a mim. Eu reconheço que todos os outros são, perante algo maior, iguais a mim.” Isso seria a paz. E essa é a postura que nos possibilita fazer este trabalho. Por um lado sem preferências por algo, sem aversão por algo, sem emoção, contudo; com esse amor em um nível maior. (p. 28)¹³

Comentado [NTV12]: COITEITO MUITO USADO POR HELLINGER

Hellinger ainda vai além, ele acredita que uma forma de fortalecer o cliente, é estimulá-lo para um olhar empático, e que ele mesmo possa se colocar de forma empática perante seus familiares, por exemplo, permitindo que o próprio cliente experiencie tal postura ao invés de somente esperar pelo olhar empático, fazendo, dessa forma, parte do seu próprio processo terapêutico. Para Hellinger, a empatia que fortalece é também aquela que vai, além do próprio cliente, para as pessoas envolvidas em seus conflitos. Quando a empatia é adequada e profunda, o terapeuta se harmoniza com o destino do paciente e com o destino de “algo maior”. “Apenas através dessa empatia e dessa maneira de sentir e abrir-se para algo maior, obtemos a força que atua para ajudar” (p.124)¹⁶.

Considerando que a postura empática é fortalecida pelo não julgamento e pela renúncia em querer mudar algo, isso não diria respeito também a estar em harmonia com “algo maior” a ponto de desistir de mudar o destino, mesmo que se mostre sofrido e trágico, de quem procura a ajuda? Para Hellinger¹⁴ (p. 213), isso iria além, levando o terapeuta a “purificar-se internamente de intenções e de ideias de poder.”

A sintonia exige que eu entre na mesma vibração do outro, que chegue à mesma faixa de onda, sintonize com ele e, assim, entenda-o. Para entendê-lo, preciso também entrar em sintonia com sua origem, principalmente com seus pais, mas também com seu destino, suas possibilidades, seus limites — também com as consequências de seu comportamento, sua culpa e, finalmente, com sua morte. (p.15)¹³

Antonio¹ (p. 86) afirma que “quando há empatia, a naturóloga oferece condutas e ferramentas em sintonia com a condição da interagente” tornando a relação fluida. Hellinger¹³ (p. 15) acredita muito na sintonia, entretanto crê que “não existe na sintonia transferência nem contratransferência, nem a chamada relação terapêutica, portanto, nenhuma tomada de responsabilidade pelo outro”, permitindo que o sujeito cresça e se desenvolva em nível mais profundo, pensamento que conversa muito com um dos princípios da relação de interagência: o fortalecimento da autonomia.

AUTONOMIA, CORRESPONSABILIDADE E A 2ª ORDEM DA AJUA

O profissional naturólogo tem, também, o papel de educador em saúde, o que lhe confere a capacidade de incentivar a autonomia dos indivíduos que o procuram. Segundo Silva³¹ (p. 122), a educação em saúde é ferramenta fundamental do

Comentado [NTV13]: confirmar página

naturólogo, pois a partir disso torna-se possível a “emancipação do sujeito”. Antonio¹ (2017) fala que promover a autonomia está estreitamente relacionado com questões éticas dentro da profissão, uma vez que este aspecto é o foco da relação que detém uma postura transversal. Teixeira³⁴ diz que para conseguir estabelecer uma relação de interagência é fundamental que antes esteja muito claro e bem definido que o indivíduo que buscou ajuda é, acima de tudo, autônomo no processo dele, caso contrário, o profissional vai apenas repetir um modelo de saúde pautado no poder. O autor afirma (p.48)³⁴ que “O saber, ou o poder, não é uma exclusividade do profissional naturólogo, que deve apenas auxiliar o interagente a reconhecer seu potencial interno de cura”. Ruppert²⁸ (p.191), que traz uma perspectiva das constelações, compartilha do mesmo pensamento e afirma: “Em minha opinião, a terapia deve, antes de tudo, promover e fortalecer a autonomia das pessoas”. Antes de continuar, trago uma citação de Santos Neto³⁶ (p.32) que cabe aqui, ele diz:

A autêntica relação de ajuda entre as pessoas consiste em estimular a independência e a individualidade, nada se pedindo em troca. Ninguém deverá ter a pretensão de ser “salvador das almas”. A compulsão de querer controlar a vida alheia é fruto de nosso orgulho.

Hellinger traz em diversas obras a sua visão sobre a relação de ajuda, para o autor é de extrema importância que a ajuda seja uma forma de fortalecer verdadeiramente os indivíduos que a procuram, também é essencial que a pessoa esteja aberta e recíproca para receber a ajuda que procura. O autor diz: “pressupõe que aqueles que queremos ajudar também necessitam e desejam aquilo que podemos e queremos dar a eles. Caso contrário, a nossa ajuda se perde no vazio”. Hellinger explica, na 2ª Ordem da Ajuda, que só se pode dar aquilo que é permitido, para isso é necessário que o ajudante seja discreto e forte pois, segundo o autor¹³ (p.12), o ajudante deve se submeter às circunstâncias e “somente interferir e apoiar à medida que o permitirem”. Para tanto, é comum que ajudantes se comovam com as histórias e destinos alheios e isso acaba pondo em desordem a ajuda²⁵. Hellinger¹⁶ (p.109) explica:

Para muitos ajudantes pode ser que o destino do outro pareça ser difícil e por isso querem mudá-lo. Entretanto, muitas vezes, não porque o outro precise ou queira, mas porque os próprios ajudantes não conseguem suportar esse destino.

Hellinger¹³ (p.12) esclarece que a desordem nasce no desejo de querer ir além do que as circunstâncias permitem, tirando a força da pessoa em sua própria história, “a desordem da ajuda seria, aqui, negarmos ou encobrirmos as circunstâncias, ao invés de olhá-las juntamente com aquele que procura ajuda”. Por isso, o autor insiste na “boa ajuda”, Hellinger explica que isso não é tão simples de ser praticado e que, além da sensibilidade, exige estudo e conhecimento:

Ajudar por simples compaixão, muitos conseguem fazer isso, na verdade, todos nós. Contudo, ajudar de uma forma que se esteja em sintonia com os outros e com seu destino e sua alma e que com isso ele possa e deva crescer, isso é uma arte. (p. 95)¹³

Para tanto, podemos perceber na relação de interagência um grande incentivo a corresponsabilidade, onde o indivíduo é ativo no seu processo terapêutico. É possível ver este significado no próprio termo profissional, interagente, onde fica explícito que o sujeito ajudado interage, sendo ativo no seu processo terapêutico: “a autonomia do sujeito-indivíduo constitui um circuito recursivo no qual ele é produto e produtor da realidade que vive” (p.123)³¹. Este é o foco da relação de interagência e, para Feldman e Miranda⁸ (p.227), o “ponto culminante no processo de ajuda”, os autores expressam em sua obra “Construindo a Relação de Ajuda” que tomar a vida nas mãos é o que se espera de uma pessoa que buscou a ajuda e que, ao longo de todo o processo terapêutico, seja incentivado que os indivíduos abandonem o papel de vítima ao perceber suas contribuições para os eventos que ocorreram em suas vidas. Os autores utilizam o termo “personalizando” para falar sobre a identificação da “parcela de responsabilidade diante da situação que está vivendo” (p.237)⁸ e concluem: “Se personalizo para o ajudado, facilito sua compreensão do papel que desempenha no próprio problema de modo a poder resolvê-lo”. Quanto a isto, Hellinger e Ten Hovel¹¹ em sua obra “Constelações Familiares” (p.86) trazem o seguinte questionamento:

O objetivo de uma terapia eficaz não é fazer com que a pessoa se tome adulta? Quer dizer, ser responsável por si mesma, não atribuir a outro a culpa pelo próprio destino e conseguir se entregar aos seus impulsos mais íntimos.

Schneider³⁰ (p.83, tradução nossa) acredita que um ajudante só pode realmente ajudar quando “não se esquivar de confrontar o cliente com a realidade de sua vida e sua própria responsabilidade”. Franke⁹ (p.42) explica que enquanto o

cliente entregar seus problemas ao ajudante e ele o resolver ou então fortalecer a reclamação trazida, “a sua própria procura pela solução não se realizará”. Com base nessa perspectiva, parece essencial que o ajudante se questione se seus atos levam o cliente para algo além de suas limitantes reclamações. Hellinger e Tem Hovel¹¹ (p. 108) dizem que a boa ajuda é humilde e que, muitas vezes, renuncia à ajuda esperada. O Hellinger tem para si que “o fator decisivo não é necessariamente a cura do cliente” pois ele não tem poder sobre o destino das pessoas que lhe procuram:

Ajudo-o a encarar esse destino, mesmo que seja para ele olhar para a morte. E o ajudo a desenvolver as forças que têm poder de cura. Mas considero absurda a ideia de que eu possa mudar o destino dele. (p.108)¹¹

Hellinger¹³ (p.11) acredita que “entender e aceitar o que melhor for adequado para o indivíduo pode ser necessário na promoção de uma ajuda acolhedora” e capaz de incentivar a autonomia que guia seus próprios destinos. Por fim, Silva³¹ (p. 124), sendo um grande nome na área de Naturologia, pensa que respeitar a autonomia e a dignidade é um “imperativo ético e não um ato de benevolência.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo levantou questões que merecem atenção quanto a relações profissional de ajuda, a qual necessita de conhecimento e de sintonia. Buscou-se identificar possíveis aproximações entre os princípios das Ordens da Ajuda e os fundamentos da relação de interagência, os resultados mostraram que existe uma relação estreita entre os temas abordados, e que ambas as áreas estão a serviço do desenvolvimento e crescimento pessoal, em especial, promovendo autonomia dos indivíduos que buscam ajuda. Parece relevante que alguns questionamentos sejam feitos pelo profissional naturólogo, principalmente acerca da “boa ajuda”, aquela que vai até onde lhe é permitido e que respeita o destino de quem a procura. Para isto, não basta apenas que se crie vínculo e sintonia, é preciso uma percepção daquilo que fortalece não só o ajudado, mas o ajudante. O ajudante que conhece as ordens da ajuda, pode experimentar uma postura que vê além, e que leva o outro ao crescimento, respeitando suas escolhas e leis naturais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais. Agradeço aos meus professores universitários por terem sido grandes mestres no meu crescimento pessoal e profissional, e a Bert, por ter me ensinado que sábio é aquele que sabe os limites do que pode ou não ser feito.

CONFLITOS DE INTERESSE

Declararam não haver.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Nenhuma.

REFERÊNCIAS

1. Antonio LR. Princípios centrais da relação de interagência: uma contribuição para a clínica naturológica. *Cadernos de Naturologia e Terapias Complementares*. 2017 Oct 19;6(11):81-91.
2. Arruda SF. Constelação familiar: ferramenta para auxiliar na resolução de conflitos no direito de família. *Direito-Tubarão*. 2019.
3. Cerbone DR. *Fenomenologia*. Editora Vozes Limitada; 2012 Dec 13.
4. Cohen DB. *Levo o Seu Coração no Meu Coração: As constelações familiares e o sistema penitenciário*. Instituto Oca, 2019.
5. Debetio JO, Bittencourt SC, Hellmann F, Puton V. Questões éticas no processo de cuidar: o olhar de naturólogos. *Revista Bioética*. 2018 Jan;26:109-18.
6. De Luca, A. *Constelações Familiares e Paradigma da Complexidade: convergências e reflexões*. Monografia, Fortaleza, 2010.
7. Fonseca SN, Ischkanian PC, da Silva AE. Contribuições da Naturologia para a autonomia do interagente. *Cadernos de Naturologia e Terapias Complementares*. 2017 Oct 19;6(11):45-58.
8. Feldman C, Miranda ML. *Construindo a relação de ajuda*. Belo Horizonte: Crescer. 2002.
9. Franke U. *Quando fecho os olhos vejo você: As constelações familiares no atendimento individual*. Patos de Minas: Atman, 2006.
10. González Núñez, JJ. *La fortaleza del psicoterapeuta: la contratransferência*. Editorial. Instituto de Investigación en Psicología Clínica y Social, AC México, 2006.
11. Hellinger B, Ten Hövel G. *Constelações familiares: o reconhecimento das ordens do amor*. Editora Cultrix; 2007.
12. Hellinger B, Weber G, Beaumont H. *A simetria oculta do amor. Porque o amor faz os relacionamentos darem certo*. São Paulo: Cultrix, 2002.
13. Hellinger B. *Ordens da Ajuda: Bert Hellinger*. Patos de Minas: Atman, 2005.
14. Hellinger B. *A fonte não precisa perguntar pelo caminho*. Patos de Minas: Atman. 2005.
15. Hellinger, B. *Liberados Somos Concluídos*. Editora Atmam, 2006.

16. HELLINGER B. O amor do espírito na Hellinger Sciencia. Trad. JINNO-SPELTER, T. 2009.
17. Husserl E. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. São Paulo: Ideias & Letras; 2006.
18. LUZ, MT. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. *Physis*, Rio de Janeiro, v.15, p.145-176. 2005.
19. Manne J. As constelações familiares em sua vida diária. Editora Cultrix; 2019 Feb 1.
20. Maurano D. A Transferência-Psicanálise Passo-a-passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.
21. Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1999.
22. Minerbo M. Transferência e contratransferência. Editora Casa do Psicólogo; 2012 Sep 11.
23. Passos MA, Antonio RL, de Oliveira Rodrigues DM. A relação de interagemência como abordagem central do naturólogo. *Cadernos de Naturologia e Terapias Complementares*. 2017 Oct 19;6(11):9-10.
24. Pinto, RL. [sem título]. In: III Fórum Conceitual de Naturologia. Florianópolis, Anais Eletronicos, p.51, 2012. Disponível em: <https://www.naturologia.org.br/wp-content/uploads/2020/11/ANAIS-2012.pdf> Acesso em: 25/04/2022
25. Ramos D. As Constelações Familiares na Medicina: O que as Histórias Revelam sobre Sintomas, Doenças e Cura. Editora Cultrix; 2020 Aug 10.
26. Rogers CR, Rosenberg RL. A pessoa como centro São Paulo. SP: EPU-EDUSP. 1977.
27. Rogers CR. Tornar-se pessoa. WWF Martins Fontes; 2017 Apr 5.
28. Ruppert, F. Simbiose e Autonomia nos Relacionamentos: O trauma da dependência e a busca da integração pessoal. São Paulo: Cultrix, 2012.
29. Ruppert F. Trauma, vínculo y constelaciones familiares. Paidós México; 2008
30. Schneider JR. Das Familienstellen. Grundlagen und Vorgehensweisen. 2006.

31. Silva, AEM. Naturologia: Um Diálogo Entre Saberes. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
32. Tatossian A. A fenomenologia das psicoses. Escuta; 2006.
33. Teixeira, DV. A Naturologia Como Ferramenta de Transformação Social: Reflexões Para o Desenvolvimento de Uma Relação de Interação Ampliada. In: Anais do IX Congresso Brasileiro de Naturologia. 2016, p. 76.
34. Teixeira DV. Integridade, interação e educação em saúde: uma etnografia da Naturologia [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Mestrado em Antropologia Social. 2013.
35. Wagner HR. Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz. (A. Melin, Trad.). Zahar, 1979.
36. Santos Neto, FE. As dores da alma. Boa Nova, 1998.